



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**CARLA ANDRÉA DA SILVA ANDRADE**

**OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO DO  
ENSINO REMOTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO  
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/CAPES**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

**CARLA ANDRÉA DA SILVA ANDRADE**

**OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO DO  
ENSINO REMOTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO  
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/CAPES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação.

**Orientadora:** Prof. Dra Elizabete Carlos do Vale.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

A553d

Andrade, Carla Andrea da Silva.

Os desafios da alfabetização inicial no contexto do ensino remoto: [manuscrito] : relato de experiência a partir do Programa Residência Pedagógica/Capes / Carla Andrea da Silva Andrade. - 2022.  
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Alfabetização. 2. Ensino remoto. 3. Programa Residência Pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 372.6

CARLA ANDRÉA DA SILVA ANDRADE

OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO DO ENSINO  
REMOTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROGRAMA  
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/CAPES

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Educação da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de pedagogo.

Área de concentração: Educação.

Aprovado em: 01/04 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Elizabeth Carlos do Vale (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Paula Almeida de Castro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Luiz Paulo Borges  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

A minha mãe e meu pai,  
por todo amor, cuidado e  
incentivo, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças e coragem para não desistir, por plantar no meu coração o desejo de seguir em frente em meio aos desafios.

Ao meu pai Sr. Estevão e minha mãe Dona Inês, que não mediram esforços para me ajudar durante todo o trajeto percorrido na vida acadêmica, e que são meus maiores exemplo e inspiração de força, dedicação e amor. Ao meu esposo Marcelino, por todo apoio, incentivo e compreensão.

Aos meus amigos de infância, (Áleff, Juliana, Jaciene) por todo apoio e ânimo, e as minhas companheiras de jornada acadêmica, (Alexsandra, Edvânia, Jéssica, Marizete e Renata Bernardo), e em especial Renata Ferreira, por todos os conselhos e por estar sempre pronta me ouvir.

À minha querida professora orientadora Dra. Elizabete Carlos do Vale, por acreditar no meu trabalho, por todo o incentivo e orientações, através da sua contribuição foi possível a realização deste trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pela concessão da bolsa do Programa de Residência Pedagógica-PRP, que deu oportunidade para experiência de regência em sala de aula, que certamente, nos auxiliaram e proporcionaram experiências importantes para a nossa formação docente.

## RESUMO

O presente trabalho descreve a vivência desenvolvida no Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação no Ensino Superior – CAPES, com o processo de formação dos futuros professores a partir da imersão do/a licenciando/a na escola da educação básica, no qual refletimos sobre a experiência da prática no contexto remoto, através do subprojeto Alfabetização/Pedagogia, na escola municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, em Campina Grande-PB. Através do uso de aparelhos celulares realizamos chamadas de vídeos, pelo aplicativo WhatsApp, com a turma de primeiro ano do ensino fundamental. As ações realizadas durante a regência tiveram como foco principal o desenvolvimento de atividades alfabetizadoras de leitura e escrita, dentro das limitações impostas pelo ensino remoto, os recursos didáticos foram importantes facilitadores no processo de ensino-aprendizagem. As dificuldades da utilização de aplicativos digitais pelas crianças, a falta de acesso aos recursos tecnológicos e internet, e a falta de participação da família, foram alguns das principais dificuldades na experiência de alfabetizar em contexto do ensino remoto. Mesmo diante de desafios e obstáculos impostos a ação alfabetizadora no contexto do ensino remoto efetuou a oportunidade de contribuir no desenvolvimento dos alunos através do Programa Residência Pedagógica.

**Palavras-Chave:** Alfabetização, Ensino Remoto, Residência Pedagógica.

## **ABSTRACT**

The present work describes the experience developed in the Pedagogical Residency Program (PRP) linked to the Coordination of Improvement and Training in Higher Education - CAPES, with the process of training future teachers from the immersion of the licentiate in the school of basic education, in which we reflect on the experience of practice in the remote context, through the Literacy/Pedagogy subproject, at the Rivanildo Sandro Arcoverde municipal school, in Campina Grande-PB. Through the use of cell phones, we made video calls, through the WhatsApp application, with the first year class of elementary school. The actions carried out during the residency had as their main focus the development of literacy activities in reading and writing, within the limitations imposed by remote teaching, didactic resources were important facilitators in the teaching-learning process. Difficulties in the use of digital applications by children, lack of access to technological resources and the internet, and lack of family participation were some of the main difficulties in the experience of teaching literacy in the context of remote teaching. Even in the face of challenges and obstacles imposed on literacy action in the context of remote teaching, it provided the opportunity to contribute to the development of students through the Pedagogical Residency Program.

**Keywords:** Literacy, Remote Teaching, Pedagogical Residency



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 –	Formação de palavras com o recurso alfabeto móvel.....	22
Figura 2 –	Aluno realizando atividade pedagógica com o uso do alfabeto móvel.....	23
Figura 3 –	Atividade de matemática desenvolvida com materiais disponíveis em casa.....	24

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>11</b>
	2.1. ALFABETIZAR NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS.....	15
<b>3</b>	<b>DELINEAMENTO METODOLÓGICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
	3.1 OS DESAFIOS DE ALFABETIZAR EM CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	19
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>5-</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação no Ensino Superior - CAPES tem por objetivo contribuir com o processo de formação dos futuros professores a partir da imersão do/a licenciando/a na escola da educação básica, promovendo uma maior interação entre teoria e prática, uma vez que o/a aluno/a poderá participar mais ativamente do processo de ensino-aprendizagem vivenciado em sala de aula, sob a orientação do professor preceptor da escola básica e do professor orientador da Universidade. Entretanto, na edição vigente do programa não foi possível a inserção das residentes no cotidiano da escola.

Em virtude do grande número de pessoas infectadas no mundo pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou em março de 2020 que o mundo vivenciava um contexto de pandemia da doença. Em função do alto poder de contágio e da letalidade do vírus, algumas medidas sanitárias foram decretadas no país, entre as quais, o isolamento e distanciamento social entre as pessoas. No âmbito educacional, tais medidas resultaram no fechamento de escolas e universidades, provocando um repensar no modelo de oferta do ensino, cuja mediação passou a ser através da tecnologia da informação e comunicação, para que as atividades acadêmico-escolares não sofressem interrupção. Tal modelo ficou conhecido como Ensino Remoto Emergencial – ERE.

A edição do edital 2020-2022 do programa Residência Pedagógica teve que se adaptar e se adequar ao ensino remoto, modelo adotado pelas instituições escolares durante a pandemia. Dentro desse novo contexto, a Coordenação geral do Programa Residência Pedagógica – PRB orientou os/as coordenadores/as de área, os professores/as preceptores/as e bolsistas/residentes a se envolverem e se comprometeram com a busca de propostas que pudessem contribuir tanto com as escolas, quanto com a própria formação dos/as licenciados/as.

O subprojeto Alfabetização – Curso Pedagogia UEPB Campus I, (no qual fui bolsista) desenvolvido na EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde em Campina Grande/PB, a exemplo dos demais subprojetos, teve que ser readequado para ser trabalhado no modelo do ensino remoto. A série que atuávamos na escola campo era uma turma de 1º ano do ensino fundamental, dada a idade das crianças, a utilização de mídias e

aplicativos digitais, como Google Meet e Google Classroom, comumente usados nas séries mais avançadas, era praticamente inviável. Vale salientar que além da dificuldade da utilização de aplicativos digitais pelas crianças, nos deparamos com a maior delas que foi a falta de acesso aos recursos tecnológicos e internet, tanto pela escola, quanto pelos/as alunos/as.

A criança no processo de alfabetização demanda maior esforço para a aquisição da leitura e da escrita e, é no encontro do espaço físico da sala de aula que crianças e professores compartilham suas experiências para aprender e ensinar em uma relação mútua de troca de conhecimentos e saberes. Entretanto, com a pandemia, essa dinâmica foi profundamente alterada, exigindo mudanças na forma como essa relação foi construída até então. Para dar conta do enorme desafio de alfabetizar crianças num contexto de ensino remoto, planejamos no nosso subprojeto, diversas atividades de leitura e escrita que fossem possíveis desenvolver junto as crianças através do uso do aplicativo do *WhatsApp*.

Partindo dessa problemática, o presente trabalho busca, a partir da nossa experiência no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização do Programa Residência Pedagógica (CAPES), refletir sobre os principais desafios de alfabetizar crianças no contexto de ensino remoto.

## **2. OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A fase da alfabetização é uma das mais importantes no processo de escolarização de todas as crianças. Aprender a ler e a escrever é um marco significativo para a vida de qualquer indivíduo, pois é a partir do aprendizado da leitura e escrita que outros conhecimentos serão consolidados ao longo da vida, e, como direito humano fundamental, a alfabetização é a base de toda a educação.

Durante esse processo, quando os meios necessários para a construção dos conhecimentos são efetivamente colocados em prática, o desenvolvimento da aprendizagem flui de forma mais célere. Entretanto, para que de fato haja uma aprendizagem significativa, é fundamental que a escola favoreça um contexto de letramento para que desde cedo as crianças vivenciem um processo de aprendizagem mais amplo e significativo. Neste sentido, é fundamental que o professor atue como mediador, levando em conta os conhecimentos prévios das crianças, a diversidade de materiais didáticos portadores de textos, bem como, uma metodologia e abordagem didática que contribuam para a efetivação do processo de alfabetização de forma ampla.

Os problemas da alfabetização no Brasil têm sido amplamente discutidos por diferentes segmentos da sociedade e por pesquisadores de várias áreas. De acordo com o Plano Nacional de Alfabetização – PNA (2019)<sup>1</sup>, os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), de 2016 apontaram que 54,73% de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3º ano do ensino fundamental apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura, e em escrita 33,95% estavam em níveis insuficientes: níveis 1,2 e/ou 3 (BRASIL, 2019).

Os estudantes que participaram da ANA foram enquadrados em quatro níveis com relação à proficiência em leitura: elementar (leitura de palavras com sílabas constituídas de uma consoante e uma vogal); básico (capazes de identificar o assunto e finalidade de textos de até cinco linhas); adequado (inferir o assunto em textos simples, localizar

---

<sup>1</sup>Dados retirados do Plano de ação do subprojeto (alfabetização) do Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia (Campus I) do qual faço parte. “Leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: a iniciação à docência na formação de professores/as alfabetizadores/as” (2020).

informação no meio ou final do texto, identificar o referente de um pronome pessoal e reconhecer significado de expressão de linguagem figurada); e desejável (reconhece participantes de um diálogo, e reconhece relação de tempo e identifica o referente de pronome possessivo). Os dois primeiros são níveis considerados insuficiente (AGÊNCIA BRASIL, 2017).

Tais dados demonstram que no panorama atual da educação brasileira são grandes os desafios do processo de alfabetizar de maneira competente, respondendo às expectativas de aquisição da leitura e da escrita relacionadas aos usos e funções sociais em uma sociedade letrada (FERNANDES e SOUSA, 2018). Baseado no Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020, no Relatório SAEB/ANA 2016 e na Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2016, o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, em matéria de Emy Lobo, publicada em setembro de 2020<sup>2</sup>, são destacados cinco principais desafios desta que é uma etapa de extrema importância para o desenvolvimento educacional e pode refletir negativamente por toda a vida do estudante, as quais elencaremos a seguir.

### **1- Falta de dados**

Os dados mais recentes sobre o assunto referem-se a 2016, já que a Avaliação Nacional da Alfabetização foi descontinuada. Sem informações atualizadas, fica ainda mais difícil buscar soluções para equiparar a grande desigualdade na aprendizagem das crianças existente no Brasil.

### **2- Alfabetização adequada**

De acordo com a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), as dificuldades já se dão no início do processo de aprendizagem no Brasil. Em 2016, menos da metade dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental alcançaram os níveis de proficiência suficientes em Leitura (45,3%) e em Matemática (45,5%).

### **3- Impacto da desigualdade social**

As diferenças dos níveis de proficiência em Leitura, Escrita e Matemática de acordo com o Nível Socioeconômico (NSE) são gritantes, como mostra a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Em 2016, o grupo com NSE muito baixo e baixo tiveram média de 23,4 em Leitura, enquanto o grupo alto e muito alto mais que dobrou a média, alcançando 68,2.

### **3- Disparidades regionais**

As diferenças da educação oferecida nos estados brasileiros também influenciam no nível de proficiência da alfabetização. Dados do MEC, Inep e Doeb de 2014 e 2016 mostram que a Região Norte e Nordeste

---

<sup>2</sup>Emy Lobo. 5 desafios da alfabetização no Brasil (2020). Disponível em: <https://www.futura.org.br/5-desafios-da-alfabetizacao-no-brasil>

ficaram abaixo da média brasileira nos níveis de proficiência em Leitura e Matemática em 2014 e 2016 e em escrita em 2016.

#### **4- Distorção entre Idade e Série**

O Relatório SAEB/ANA 2016 indica que cerca de 14,9% dos estudantes do Brasil têm dois anos ou mais acima da idade de referência para a sua etapa do ensino. Nas regiões Norte e Nordeste, a média é ainda maior que a nacional, com 20,2% e 21,4%, respectivamente.

Infelizmente, esses dados só reforçam o que há anos o Brasil presencia: crianças passando de ano sem terem sido plenamente alfabetizadas e a escola fracassando no seu papel principal que é promover as aprendizagens necessárias para que os sujeitos tenham condições de interagir e intervir no contexto social em que estão inseridos. É importante compreender que o fracasso escolar na alfabetização não é de responsabilidade das crianças que não conseguem aprender a ler e escrever na idade considerada adequada as séries em que estão inseridas, nem tampouco, de natureza meramente pedagógica, ou seja, de responsabilidade única dos/as professores/as. O fracasso escolar tem origem, contexto e classe social bem definidas, conforme aponta Batista (2006, P.15): ‘o fracasso na alfabetização é maior entre as crianças que vivem em regiões que possuem piores indicadores sociais e econômicos, entre as crianças que trabalham e entre as crianças negras’.

O problema do fracasso escolar na alfabetização precisa ser enfrentado com a proposição de políticas públicas que envolvam ações que levem em conta diversos aspectos como: formação continuada de professores que contribuam para repensar metodologias tradicionais de alfabetização, materiais didáticos diversos e livros didáticos, valorização da escola pública, políticas públicas de enfrentamento da fome das famílias das crianças que vivem em condições de vulnerabilidade social, entre outros aspectos. É importante compreender que as condições sociais influenciam no fracasso escolar, pois, quanto mais pobre a criança, mais dificuldades ela terá de aprender. Entretanto, a não aprendizagem das crianças não deve explicada apenas por este prisma, ou seja, é inadmissível responsabilizar apenas a condição social das famílias pelo fracasso escolar. Tal fenômeno tem que ser entendido de forma ampla, pois envolve aspectos econômicos, políticos, sociais e pedagógicos.

Em relação ao enfrentamento do problema do fracasso escolar, Alves (2020, p.15), afirma que, “a ideia de resolver o fracasso escolar tornou-se um dos objetivos a serem vencidos pelas políticas públicas para um ensino de qualidade”. A oportunidade

de alfabetizar e a continuidade da escolarização dos indivíduos é um compromisso que deve abranger a todos, em especial as crianças em fase de desenvolvimento cognitivo, social e afetivo e nas aprendizagens da leitura e escrita.

A falta de acesso escolar por muito tempo fez parte vida das classes populares, por diversos fatores como condições financeiras, preconceitos, discriminação, necessidade de ter que trabalhar cedo, não ter escolas próximas, entre outros aspectos. Tais dificuldades marcaram gerações que não tiveram oportunidades de escolarização e sequer conseguiram se alfabetizar, tornando o Brasil um dos países com mais altos índices de analfabetismo e de baixa escolarização.

Para além dos problemas de ordem político estrutural do fracasso escolar, é importante destacar que há também, os de ordem pedagógica. Ou seja, muitas vezes, as formas de ensinar centradas num método tradicional de alfabetização que no geral, limitam o ler e escrever ao codificar e decodificar, podem contribuir para o baixo nível de aprendizagem na fase inicial do processo de escolarização.

Vale salientar que apesar dos graves problemas de aprendizagem das crianças das séries iniciais, conforme descrito acima, houve avanço no sistema educacional brasileiro, especialmente no processo de democratização da escola e na concepção da educação como direito humano fundamental, ou seja, do ponto de vista quantitativo (universalização da escolarização) houve um avanço enorme a partir da garantia do direito à educação. De acordo com Soares (2020, p.9), “em um processo contínuo que nos trouxe a atual universalização do ensino fundamental e a taxa de escolarização de pessoas de 6 a 14 anos atingiu 98,6%”.

Tal avanço só foi possível graças “a concepção da educação como direito fundamental de natureza social, sob o ponto de vista da sua presença no texto constitucional e nos marcos normativos internacionais nos quais o Brasil figura como país signatário” (SANTOS, 2019, p. 2), bem como, a partir dos principais marcos referenciais da política educacional brasileira, tendo como referência a Constituição Federal de 1988, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/90) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96); As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013), o Plano Nacional de Educação (2014), entre outros.

É de fundamental importância assegurar o direito à educação pública e gratuita de qualidade a todos, visto que, a educação é uma das principais ferramentas para melhoria da qualidade de vida da população. Assim, é preciso que as escolas



assegurarem as crianças o direito de aprender a ler, escrever e contar como base essencial para o desenvolvimento de outras aprendizagens e habilidades mais complexas, fundamentais no atual contexto social. A superação dos problemas educacionais, em especial da educação básica, exige conforme destaca Corbucci (2010, p.2), “a necessária a implementação de ações e medidas de política que promovam a redução das desigualdades, tanto no campo das relações macrossociais, quanto no âmbito dos sistemas de ensino”. É dever de toda a sociedade assegurar o direito das crianças ao ensino de qualidade, contribuindo para a formação de uma sociedade igualitária e justa.

É importante destacar que a educação é construída com a colaboração e participação de toda a sociedade, sendo a escola e família os pilares principais para o sucesso pedagógico, mas, que, cabe a cada parcela social exercer a sua função própria na construção de uma educação para melhor para todos. Assim, as famílias têm um papel importante nesse processo, porém, as práticas educativas do professor não podem ser substituídas pelo acompanhamento dos familiares, os quais, em sua grande maioria, ou não tem tempo para ensinar os filhos em casa, ou não tem condições pedagógicas, pois, não possuem qualificação adequada e tempo suficiente para exercer a mediação necessária e correta que proporcione as aprendizagens necessárias.

No contexto do ensino remoto, a participação da família no processo ensino-aprendizagem foi de fundamental importância para o desenvolvimento das atividades escolares das crianças, ao mesmo tempo em foi um grande desafio para os pais e professores.

## **2.1. ALFABETIZAR NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS**

Se os indicadores da alfabetização em tempos “normais” já eram preocupantes, com a suspensão das aulas e fechamento das escolas, em função da decretação da pandemia da Covid-19 em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o quadro da educação piorou consideravelmente. Apesar de não existir ainda um diagnóstico mais preciso sobre os impactos da Covid-19 na educação, e em especial, nas séries iniciais do ensino fundamental, pesquisas demonstram que enfrentaremos um quadro desolador, um verdadeiro “apagão na educação”. Nesse contexto, as dificuldades enfrentadas pelas crianças das classes populares ao ensino remoto, reproduziram e

pioraram o cenário das desigualdades educacionais, visto que, a maioria dos alunos das escolas públicas são excluídas do mundo digital, seja pela falta dos recursos tecnológicos (computador e/ou celular), seja por não ter acesso à internet.

Vale salientar que a grande maioria das escolas públicas também não dispõe de equipamentos tecnológicos e internet para a efetivação do ensino remoto. Os professores por sua vez, além de enfrentarem esse mesmo tipo de problema, não tiveram formação adequada para atuar no ensino mediado por tecnologias e mídias digitais, fazendo com que, além de se adaptar pedagogicamente, ainda arcar com os custos dos recursos tecnológicos e de internet para a efetivação das aulas remotas. Conforme afirmam Oliveira, Silva e Silva, (2020, p.31), “Com a suspensão das aulas, o ensino remoto entra em cena como resposta à crise, e o professor sem tempo de refletir, precisou agir na urgência”. Foram os professores que tornaram o ensino remoto o caminho disponível para diminuir as perdas, reaproximar aos alunos, conter os déficits e prejuízos, e seguir na trajetória da aprendizagem, driblando as dificuldades e buscando acertos no novo mecanismo de ensino.

É num cenário de medos, incertezas, distanciamento social que as aulas passaram a ser efetivadas, onde o acompanhamento aos alunos passou a ser mediado pelo uso das tecnologias. É importante compreender que a presença física de um adulto auxiliando na fase inicial do processo de alfabetização é fundamental, entretanto, para muitas crianças e jovens esse acompanhamento pedagógico se tornou inviável durante a pandemia devido à dificuldade de acesso a computador e/ou aparelhos telefônicos e a internet. Assim, apesar da maioria dos alunos das escolas públicas enfrentarem tal problema, os governos pouco fizeram para amenizar tais dificuldades.

Os problemas envolvem: acesso limitado à internet; tecnologias inexistentes ou obsoletas (computadores, tablets, celulares, televisores); falta de espaço apropriado para estudo e trabalho em casa; baixo aproveitamento nas aulas remotas, tanto pior quanto menor a faixa etária dos alunos; os percalços e fracassos das tentativas de viabilizar o ensino remoto na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Complementam os problemas: a falta de apoio familiar aos alunos e professores; a formação frágil e o despreparo dos professores para o uso das TDICs; o despreparo e a ausência de suporte aos professores; além de sobrecarga, ansiedade, tédio, esgotamento e comprometimento da saúde mental de professores, estudantes e seus familiares (PENTEADO, COSTA, 2021, p.4).

De modo geral, as escolas públicas não dispõem de recursos tecnológicos e nem de internet banda larga para disponibilizar aos alunos e professores condições necessárias para o desenvolvimento de aulas virtuais. Diante de tais dificuldades, o

ensino remoto trabalhado na maioria das escolas públicas, em especial nas séries iniciais do ensino fundamental, se resumiu ao envio de atividades impressas para os alunos, acompanhadas de áudios com explicações de tais atividades pelos professores, via aplicativo do WhatsApp. Como afirmam Penteado e Costa (2021, p. 4):

No Brasil, o contexto pandêmico escancara a realidade dos problemas de desigualdade social e de desinvestimentos na educação pública, colocando uma lente no abismo social entre as escolas públicas e privadas e, ao mesmo tempo, explicita as diferenças entre os níveis de ensino no tocante ao perfil e às condições da comunidade docente e discente, condição que dá visibilidade às inúmeras dificuldades enfrentadas pela maioria dos estudantes e dos professores do país.

Desse modo, num contexto de ensino remoto, os alunos que dispõem de equipamentos tecnológicos e internet de qualidade, estão à frente dos alunos que não possuem os tais recursos, fazendo com que aumente o abismo das desigualdades educacionais, contribuindo assim, para a perpetuação das desigualdades sociais e econômicas no país.

Para os estudantes das séries iniciais do ensino fundamental esse problema é muito mais complexo. Estudos e relatos acerca do ensino remoto nas séries iniciais apontam que grande parte dos alunos usavam celulares, os quais muitas vezes pertenciam a alguém da família (pai, mãe ou responsável). Como são celulares de uso coletivo, nem sempre o aluno tinha condições de acompanhar a aula, restando-lhe a realização de atividades digitalizadas enviadas pela escola acompanhadas de um áudio (enviado ao *WhatsApp* do pai ou mãe) com explicações acerca da atividade proposta. Vale salientar que muitos dos aparelhos celulares eram obsoletos, não tinham capacidade para suportar os aplicativos e plataformas utilizados no ensino remoto.

A alfabetização é constituída por um processo em que a mediação constante da professora com os alunos é crucial para o processo de aprendizagem. No contexto do ensino remoto tal mediação feita através do uso da tecnologia impactou negativamente no processo de aprendizagem das crianças, visto que, a falta do contato presencial impossibilitou de certa maneira de se trabalhar com materiais concretos e de usar estratégias de ensino diversificadas. Além disso, o tempo da aula remota extremamente reduzido, a condição de vida dos pais que precisam trabalhar, que, portanto, não tem como acompanhar o aprendizado dos filhos em casa, foram aspectos que se configuraram como desafios enormes, vividos pelos professores no sentido de promover

práticas alfabetizadoras e de letramento com as crianças. Conforme destacado por Magda Soares em entrevista ao Canal Futura em setembro de 2020<sup>3</sup>,

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, já que o contato educador x educando é importante, para esta fase de escolarização, pois a rotina diária cria um elo de convivência, adaptação e socialização tão essenciais nesse processo didático, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar”.

Assim, discutir as questões inerentes ao processo de alfabetização em tempos de pandemia e de ensino remoto é extremamente importante dada à relevância educacional da alfabetização, pois, esta é porta de entrada das crianças no Ensino Fundamental, portanto, um marco significativo no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem das mesmas.

---

<sup>3</sup> Magda Soares. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Entrevista no canal Futura. 08/09/2020. Disponível em <https://www.futura.org.br>

### **3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA**

Nosso trabalho assumiu os princípios da abordagem qualitativa de pesquisa que segundo Bogdan e Biklen (1994), *apud* Medeiros (2021) tanto na construção, como na análise dos dados leva-se em consideração as perspectivas dos participantes das situações estudadas, a partir das quais o pesquisador, partindo de um referencial teórico, faz suas interpretações sobre os fenômenos estudados. Utilizamos como principais instrumentos de pesquisa a observação participante e os registros de diário de campo. O *locus* do trabalho foi uma turma de primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde em Campina Grande/PB. Vale salientar que todo o desenvolvimento do trabalho foi no contexto do ensino remoto.

#### **3.1. OS DESAFIOS DE ALFABETIZAR EM CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

O início das atividades do subprojeto Pedagogia/alfabetização do Programa Residência Pedagógica ocorreu em outubro de 2020, numa turma de primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rivanildo S. Arcoverde em Campina Grande-PB. Nosso subprojeto focalizou essencialmente, atividades de alfabetização, discutindo e exercitando metodologias adequadas e materiais didáticos diferenciados para promover propostas alfabetizadoras possíveis de realizar com crianças de 06 anos que, em sua maioria, estava frequentando a escola pela primeira vez, só que num contexto de ensino remoto.

Para o desenvolvimento das ações alfabetizadoras junto as crianças, foi fundamental o processo formativo vivenciado no primeiro módulo do programa, definido como “formação”, através de encontros que abordaram temáticas como: alfabetização e letramento em contexto remoto, letramento literário, alfabetização matemática, BNCC e as orientações para os processos de alfabetização. Outro processo didático formativo fundamental para que realizássemos as intervenções pedagógicas junto aos alunos da turma, foram as reuniões semanais de planejamento orientadas pela professora preceptora, momento esse considerado como observação/pesquisa da realidade da escola.

Nos planejamentos fomos orientadas a realizar o diagnóstico sobre o nível de conhecimento de leitura e escrita das crianças que seriam acompanhadas por cada residente; planejar as atividades que seriam realizadas através das chamadas de vídeo; organizar estratégias didáticas para o ensino da leitura e da escrita; confeccionar materiais concretos que ajudassem no aprendizado da leitura, da escrita e da matemática; avaliar e registrar o processo de evolução da aprendizagem das crianças, entre outros. As reuniões de planejamento eram momentos também para a troca de experiência entre as residentes onde eram apresentadas as dificuldades, os aprendizados e os desafios enfrentados na difícil tarefa de alfabetizar de forma remota, para que fossemos aprendendo umas com as outras a partir da prática pedagógica desenvolvida.

Os planejamentos foram essenciais para a efetivação da regência como um dos eixos da Residência Pedagógica, pois contribuiu para o acompanhamento do desenvolvimento das ações previstas no subprojeto de alfabetização, bem como para a necessária reflexão sobre o nosso fazer docente.

Dada ao contexto de ensino remoto, antes de começarmos a regência, a professora preceptora conversou com os pais e/ou responsáveis pelas crianças e explicou como seriam realizadas as atividades de ensino remoto, que além das atividades impressas enviadas as crianças, haveria a possibilidade de ser feito um acompanhamento pedagógico individual das crianças através de chamadas de vídeo utilizando o aplicativo *WhatsApp*, para isso, os pais/responsáveis precisariam concordar e contribuir para a efetivação de tal atividade.

Ao entrarmos no ambiente familiar dos alunos, mesmo de forma remota, passamos a conhecer um pouco da rotina da família dos alunos, como por exemplo: o melhor horário para realização das chamadas de vídeo, se havia ambiente propício para realização das atividades pelas crianças que não tivesse muito barulho ou interferência de outras pessoas da casa durante a realização da atividade pela criança, entre outras questões. Durante esse processo, o diálogo com as mães (no geral, eram as mães que acompanhavam as atividades dos filhos) foi fundamental, principalmente, para conciliar os horários disponíveis para efetivação das chamadas de vídeo, para combinar com as mesmas como poderiam ajudar no desenvolvimento da aprendizagem dos filhos, sem, contudo, fazer as atividades no lugar deles.

Nos momentos das chamadas de vídeos encontramos os alunos/as em diversas situações: alegres, retraídas, desmotivadas, temerosas, desconfortáveis, envergonhadas,

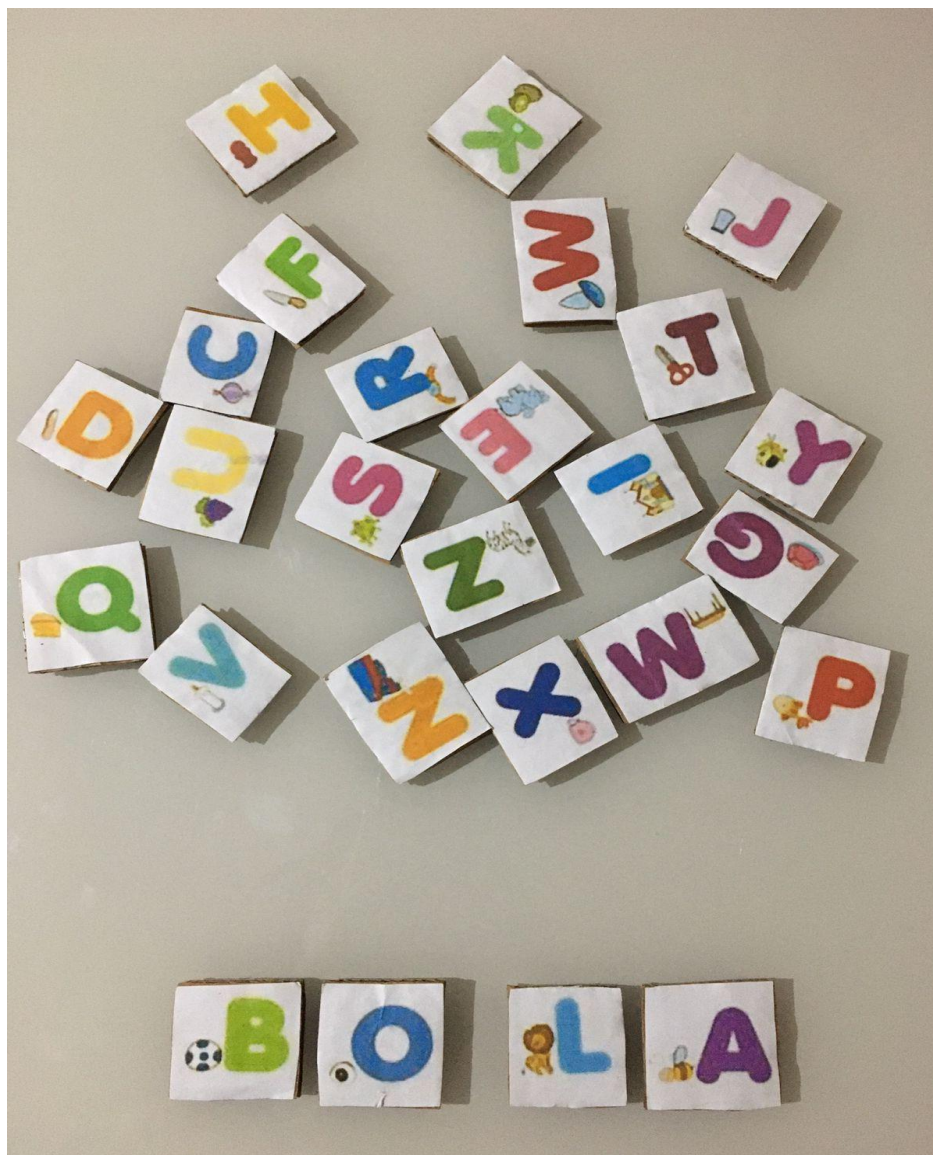
etc., situações normais do cotidiano, mas que a depender da intensidade do sentimento vivenciado durante as chamadas de vídeo, dificultavam a realização das atividades. Tudo isso exigia da residente um olhar mais sensível para a situação para que pudesse enxergar e acolher o aluno e os seus sentimentos, e assim aos poucos criando vínculo, algo extremamente importante no processo de escolarização inicial. Assim, buscávamos durante os encontros virtuais com as crianças vivenciar momento motivadores e lúdicos, atraindo a total concentração e atenção das crianças ao assunto proposto, visto que, o ambiente familiar proporciona diversas distrações, que desconcentram as crianças com facilidade das atividades pedagógicas.

As aulas no cenário remoto foram um desafio constante, pois, como afirmam Biffi e Holanda (2015, p. 4): “a tecnologia mesmo super avançada, não substitui a interação e troca entre os professores e alunos, e as e alunos, e as experiências e vivências não são sentidas da mesma maneira quando se está em uma aula presencial e quando se tem uma aula por EaD.

As ações realizadas durante a regência tiveram como foco principal o desenvolvimento de atividades alfabetizadoras de leitura e escrita. Para tanto, buscamos utilizar, dentro das limitações impostas pelo ensino remoto, recursos didáticos que facilitassem a aprendizagem de leitura e escrita das crianças, como o uso de jogos alfabéticos como alfabeto móvel e trilhas ortográficas, por exemplo; de ferramentas tecnológicas como o aplicativo “InShot”, que é um editor de foto e vídeo que utilizamos para realizar algumas contações de história, entre outros.

O alfabeto móvel foi um dos recursos didáticos mais utilizados, visto que, é um recurso didático multifuncional que permite o/a professor/a desenvolver diversas atividades, além de ser de baixo custo e de fácil confecção. De acordo com Vasconcelos, (2016, p. 5) “É compreendido que o alfabeto em si é importante para a linguagem, mas que com a ajuda de outros recursos ele se torna mais compreensível para o aluno, ajudando a identificar as letras, a diferenciar o som de cada uma”. O alfabeto apresentado de modo comum com o agrupamento de letras, para algumas crianças, pode-se tornar complexo, já a utilização do alfabeto móvel possibilita ao/a aluno/a “aprender brincando”, pois, com a utilização do mesmo as atividades se tornam mais participativas e atrativas, conforme figura a seguir:

Figura 1– Formação de palavras com o recurso alfabeto móvel.



Fonte: Reprodução Própria.

Numa das atividades alfabetizadoras realizadas junto as crianças (através das chamadas de vídeo) utilizando o alfabeto móvel, pedíamos para que as crianças espalhassem o alfabeto móvel na mesa ou no local onde estava sendo realizada a atividade, em seguida solicitávamos ao aluno que escolhessem uma letra, identificasse o nome da mesma e buscasse no seu ambiente de casa identificar objetos e coisas cujo nome começasse com aquela letra trabalhada e tentassem escrever no caderno, da forma que sabiam, a letra e os nomes identificados nos objetos do ambiente de casa. Conferir figura seguir



Figura 2 – Aluno realizando atividade pedagógica com o uso do alfabeto móvel:



Fonte: Reprodução Própria e Autorizada.

Com o uso desse recurso foi possível incentivar e desenvolver as aprendizagens que incluem a identificação e reconhecimento das letras, a consciência fonológica, a aprendizagem da sequência alfabética, formação de palavras e separações silábicas, incentivando as crianças na construção dos próprios nomes e na escrita de outras palavras, e até pequenas frases, desse modo, atuando como facilitador da aprendizagem, promovendo a concentração e interessados/as alunos/as na fase inicial da alfabetização.

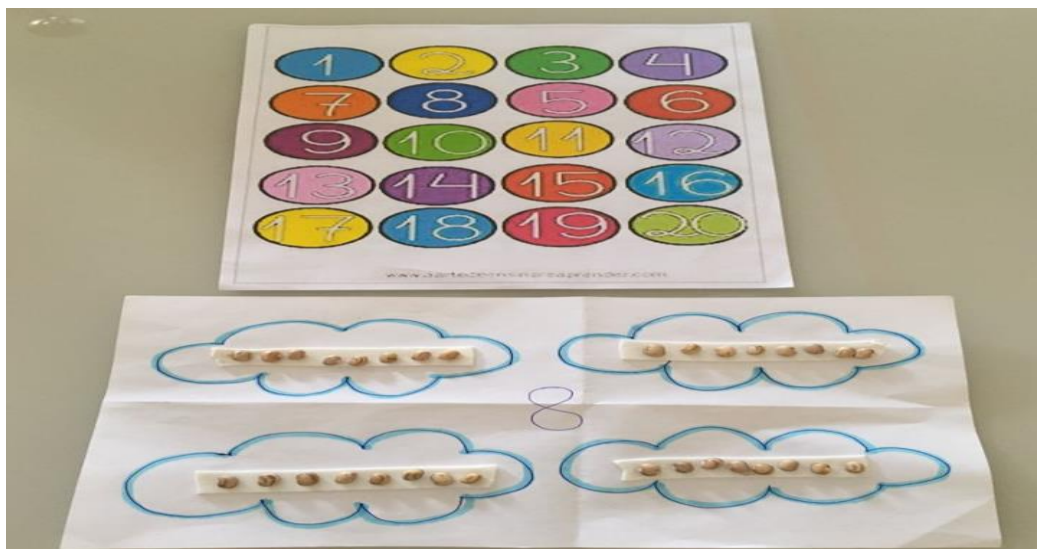
No geral, nessa fase, as crianças se encontravam no nível silábico, não identificavam de forma clara o valor sonoro das letras, portanto, ainda não tinham maturidade para leitura silábica e de palavras simples. Assim, realizavam a identificação das letras com a ajuda da mãe ou de outro adulto que a acompanhava no momento da aula remota. Considerando que o conhecimento das letras, fonemas e a apropriação do sistema alfabético são fundamentais para o processo de aprendizagem da

leitura e da escrita, intensificamos nesse período, atividades alfabetizadoras que contribuíssem para o desenvolvimento da aprendizagem leitora das crianças.

Desse modo, com o uso do alfabeto móvel foi possível perceber as múltiplas possibilidades de se trabalhar com esse recurso didático, especialmente num momento em que não era possível usar a lousa, bem como, outros recursos mais complexos e mais difíceis de serem confeccionados. Dessa forma, entendemos que o uso do alfabeto móvel nas vídeos-chamada colaborou para o desenvolvimento das aprendizagens dos/as alunos/as, assim, como nos propiciou vivências enriquecedoras para nossa atuação enquanto futuras professoras. Entendemos também, que este modelo remoto implicou em diversos desafios, mas também propiciou novos conhecimentos e readaptações de práticas já conhecidas.

No que se refere ao ensino de matemática, procuramos desenvolver atividades que contribuíssem para o desenvolvimento da aprendizagem da alfabetização matemática. Para isso, utilizamos materiais concretos, como grãos de feijão e arroz, material dourado, palitos, objetos disponíveis em casa como exemplo: brinquedos como lego e blocos de montar, entre outros, bem como, outros objetos de fácil acesso que contribuíssem para trabalhar noções matemáticas (somar, subtrair) registrar graficamente os números e suas respectivas quantidades na folha de papel, conforme figura abaixo:

Figura 3 – Atividade de matemática desenvolvida com materiais disponíveis em casa.



Fonte: Reprodução Própria.

No decorrer das aulas remotas foi possível observar, a partir dos relatos das residentes nas reuniões semanais com a preceptora, que as atividades realizadas com os/as alunos/as eram aceitas de formas diferentes, alguns conseguiam realizar com facilidade, outros encontravam bastante dificuldade, especialmente os que não dispunham da ajuda dos pais. Os alunos que contavam com maior participação e incentivo dos pais, que tinham rotina de estudo em casa com os filhos, e com a participação efetiva nas chamadas de vídeos, o avanço da aprendizagem foi nítido, o que comprova a importância da participação da família no processo de ensino.

Como a turma era bastante heterogênea, a professora preceptora dividiu-a em dois grupos, para que planejássemos atividades de acordo com o nível de conhecimento de cada aluno. O Grupo I (alunos avançados), trabalhamos atividades com ficha de leitura, formação de frases e leitura de pequenos textos, além de atividades envolvendo os conteúdos da semana, assim prosseguindo nos conteúdos mais extensos. No Grupo II, (alunos com dificuldades), desenvolvendo atividades de reforço, nome próprio, sequência alfabética e numérica, contagem com material concreto e vídeos para complementação de conteúdo, fortalecendo os conteúdos apreendidos e desenvolvendo os novos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência docente no contexto do ensino remoto, vivenciada através do Programa Residência Pedagógica, possibilitou-nos compreender a importância da alfabetização inicial para o desenvolvimento de outras aprendizagens mais complexas, bem como a importância de se trabalhar o ensino da leitura e escrita a partir de diversas estratégias de ensino. Outro aprendizado extremamente importante, vivenciado durante a nossa regência na Residência Pedagógica, foi compreender o quanto é complexo alfabetizar num contexto de ensino remoto. A alfabetização é um marco na vida das crianças, um processo que demanda esforço e dedicação, tanto do professor alfabetizador, quanto dos alunos, bem como da família.

No contexto de ensino remoto, a ação alfabetizadora foi algo extremamente complexo e difícil. Nos deparamos (professoras e residentes) com grandes dilemas tais como: como promover o ensino, num contexto onde tudo é imprevisível e incerto, onde a maioria das famílias das crianças oriundas das classes populares, sequer tem a certeza do alimento diário, imagina da disponibilidade de recursos tecnológicos e internet para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive? Como levar a aprendizagem do conjunto de habilidades que na sua forma clássica deveria ocorrer numa “relação dialógica” professora x alunos x alunos no chão da escola, de interação, socialização, e agora deve ser adaptada para o modelo de ensino remoto, até então desconhecido por todos?

Assim, as dificuldades enfrentadas durante as aulas realizadas através das chamadas de vídeo, via aplicativo de *whatsApp* foram variadas, tais como:

- ✓ O tempo de aula remota (1h por semana) é muito pouco para consolidar processos de aprendizagem, especialmente de leitura e escrita que demandam tempo e interação entre professora e alunos/as e materiais didáticos diversificados;
- ✓ Dispersão das crianças durante as chamadas de vídeo, mesmo sendo 1h de aula, portanto, um curto tempo de aula, a exposição frente ao celular era cansativa, constantemente a criança se dispersava;
- ✓ As possibilidades de trabalhar com materiais didáticos diversificados eram bastante limitadas;
- ✓ O acompanhamento das atividades das crianças por parte dos pais, dada a necessidade dos mesmos de trabalhar ou por conta dos afazeres domésticos,

muitos pais não conseguiam definir uma rotina de estudo, nem acompanhar o processo de aprendizado dos filhos;

- ✓ A falta de recursos tecnológicos e internet. Muitas crianças usavam o celular do pai ou da mãe, e estes só podiam disponibilizar durante a noite, além de dispor apenas de dados móveis alunos pouco absorvem em uma hora de aula, ficar em frente ao celular se torna cansativo para ambos;
- ✓ As possibilidades de aplicar as atividades diversificadas são mínimas, requer criatividade constante, não conseguimos identificar se o aluno compreendeu o que foi ensinado, se está realizando corretamente a atividade. Dessa forma alfabetizar no contexto remoto é um processo mais demorado e complexo.

Alfabetizar crianças que ingressaram no ensino fundamental em tempos de pandemia é um convite a discussão e a socialização de experiências vivenciadas no contexto do ensino remoto. Mesmo diante de desafios e obstáculos impostos a ação alfabetizadora no contexto do ensino remoto, tivemos a oportunidade de contribuir através do Programa Residência Pedagógica, com o aprendizado das crianças do primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, mas também de aperfeiçoar nossa prática, enriquecer nossos conhecimentos no decorrer da nossa formação e compreender que a inserção no cotidiano da escola, seja presencial ou virtual, é de extrema importância para a formação dos/as futuros/as professores/as.

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Susan Coraline Pereira. **Alfabetização e letramento no ensino remoto emergencial: limites e possibilidades.** Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba-SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13830?show=full>

Acesso em: 21 de junho de 2021

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização, leitura e escrita. In: **Práticas de Leitura e Escrita.** CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena; (Orgs.) Ministério da Educação: Brasília, DF. 2006. p. 180.

BIFFI, Patricia. HOLANDA, Angely. **Sobre educação e tecnologia, conceitos e aprendizados:** busarello, Raul. BIEGING, Patricia. ULBRICHT, Vania. (org.). São Paulo. Editora: Pimenta Cultural. 2015.

CABUCCI, Paulo. Situação Educacional dos Jovens Brasileiros. Ipea: desafios do desenvolvimento. Ed.60,2010. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1092:situacao-educacional-dos-jovens-brasileiros&catid=29:artigos-materias&Itemid=34](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1092:situacao-educacional-dos-jovens-brasileiros&catid=29:artigos-materias&Itemid=34)

CATANANTE, Flávia;CAMPOS, Rogério Cláudio De; LOIOLA, I. AULAS ON-LINE DURANTE A PANDEMIA: CONDIÇÕES DE ACESSO ASSEGURAM A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO? . **Revista Científica Educação**, v. 4, n. 8, p. 977-988, 26 out. 2020.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães. Porto. **#Fiqueemcasa: Educação na Pandemia da Covid-19.** Interfaces Científicas, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020.

MEDEIROS. Adriana Francisca de. Os desafios para alfabetizar no ensino remoto: a realidade no Sul do Amazonas. In: **V CONBALF.** Florianópolis, jun.2021.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira. Porto. **Educar na Incerteza e na Urgência: Implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula.** Interfaces Científicas, Aracaju, v. 10, n. 1, p.26-39, 2020.

PENTEADO, R. Z. e COSTA, B. C. G.. **O TRABALHO DOCENTE COM VIDEOAULAS EM EaD: DIFICULDADES DE PROFESSORES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO E A PROFISSÃO DOCENTE.** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. . Educação em Revista [online]. 2021, v. 37 [Acessado 30 Maio 2021] , e236284. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698236284>>. Epub 30 Abr 2021. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698236284>.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

PIMENTA, Selma Garrido. COSTA; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poésis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020. p. 352.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Entrevista no canal Futura.** 08/09/2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia> Acesso em 15 de março de 2022.

VASCONCELOS, Jessica Queiroz. **O alfabeto móvel como um recurso para o desenvolvimento da leitura e escrita da criança.** Anais VIII FIPED... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25445>>. Acesso em: 05 de mar. 2022.